

## UM MILHÃO E DUZENTAS MIL DOSES DE DROGA APREENDIDA NOS AÇORES

### O TOTAL DE DOSES FOI APREENDIDA ENTRE 2005 E 2009

É a confirmação do que o 'Correio dos Açores' tem vindo a revelar. Há um crescendo de apreensões de drogas leves e duras nos Açores, indiciadores de que há

maiores quantidades de estupefacientes em circulação no mercado açoriano e um maior consumo sobretudo pelos jovens. Um flagelo que se agrava com a constatação de

que a iniciação na droga já começa na Região aos 12 e 13 anos de idade. As estatísticas da PSP que hoje revelamos merecem uma profunda reflexão.

• p.p. 22 e 23



## Jovem açoreana ensina piano em Chicago

Diana Botelho Vieira está a dar os primeiros passos no ensino, como professora de piano em Chicago. A jovem sempre teve gosto pela música, que foi incentivado pelos avós maternos, tendo chegado a fazer várias actuações na

Ribeira Grande, concelho onde nasceu, inicialmente com os seus seis irmãos, que disse ser uma das recordações "mais queridas" que guarda. Mais tarde, com três dos seus irmãos, fundou o Quarteto Botelho Vieira.

• p.p. 25 e 26

**POR SETE MIL E QUINHENTOS EUROS**

## Impotência sexual com solução nos Açores

O cancro da próstata hoje em dia já não é fatal como o era há vinte anos atrás porque os homens já recorrem mais ao médico e estão mais alertados para o problema. Contudo, mesmo com diagnóstico precoce a doença atinge 20 em cada mil homens, números que ainda são assustadores...

• p.p. 8 e 9



**PARA UM LUGAR DE CHEFIA NA ADMINISTRAÇÃO PÚBLICA**

## Um fato feito "à medida" • p. 2

**CAMPANHA DE BETONEIRAS**

AZORES PARK - Pavilhão 3.12 - Ponta Delgada  
T: 296 201 920 Fax: 296 201 929 info@cymbron.pt

**FESTIVAL DE PREÇOS DE 10% A 50%**

**Riviera**  
HOMEM

**HORÁRIO: DAS 09H00 ÀS 19H00 - SÁBADOS DAS 9H30 ÀS 13H**

■ Há colegas compositores nos EUA que lhe dedicam letras e músicas

# Jovem pianista açoriana dá os primeiros passos no ensino de piano em Chicago

**“Quem sabe se não estarei a educar um futuro pianista, professor de piano ou até mesmo alguém que no futuro seja patrocinador da música ou das artes?” - interroga-se a jovem Diana Botelho Vieira.**

Marília Ferreira

Diana Botelho Vieira está a dar os primeiros passos no ensino, como professora de piano em Chicago. A jovem sempre teve gosto pela música, que foi incentivado pelos avós maternos, tendo chegado a fazer várias actuações na Ribeira Grande, concelho onde nasceu, inicialmente com os seus seis irmãos, que disse ser uma das recordações “mais queridas” que guarda. Mais tarde, com três dos seus irmãos, fundou o Quarteto Botelho Vieira.

Diana recorda como foi a sua estreia como solista com orquestra, aos dezasseis anos: “Vesti um top cor-de-rosa e tinha laca no cabelo – só podia ter sido um momento divertido. As coisas são menos assustadoras nessa idade e ainda bem”. Diana Vieira terminou o Mestrado em Piano Performance e está a dar aulas em duas escolas diferentes.

Afirma que, “infelizmente, não tem havido muito apoio financeiro em Portugal para os músicos, mas disse sentir “que existe uma dinâmica bastante activa e viva em Portugal e que é bem aproveitada”.

**Correio dos Açores: Sempre tiveste gosto pela música ou esse gosto foi impulsionado pelos teus familiares?**

**Diana Botelho Vieira (Pianista e professora de música em Chicago)** - Ambos, mas penso que tudo começou em casa dos meus avós maternos, onde se passavam largos serões rodeados de música. Cantavam-se, acompanhadas ao bandolim e violão, músicas açorianas. Mais tarde, quando tinha cerca de sete ou oito anos, houve um momento crucial na minha decisão de querer estudar música a sério, que foi quando prestei atenção à minha irmã mais velha, Tânia, a estudar piano em nossa casa. Retém-me na memória a fascinação pelo facto de um instrumento preto e pesado, com teclas brancas e pretas, ser capaz de produzir sons ricos e maravilhosos. Eu queria também ser capaz de fazer o mesmo.

**Como é que decidiste ir para o Conservatório?**

O meu percurso no piano começou ainda na Academia de Música da Ribeira Grande, com Svetlana Kusselova que, na altura, acabada de chegar a São Miguel e não fala-



**Diana Botelho: “No topo de tudo está a minha família...”**

va ainda muito português. E eu não falava russo, mas entendemo-nos muito bem. Mais tarde, tinha eu dez anos, os meus pais deram-me a oportunidade de continuar na música e matricularam-me no Conservatório em Ponta Delgada. E ainda bem que o fizeram, porque adquiri e consolidei bases muito sólidas a nível das disciplinas teóricas por ter tido excelentes professores.

**Tendo sido aluna da professora Irina Semënova, com quem tiveste notas muito boas, qual foi a importância dessa professora na tua formação musical?**

A professora Irina foi certamente muito importante para mim, como pianista. Sempre a considerei uma pessoa dócil mas era ao mesmo tempo uma professora muito séria, exigente e com uma ideia muito clara do que queria transmitir ao aluno, a nível técnico e musical. O meu crescimento como sua aluna foi consistente e natural. Ainda hoje vem-me à memória muitos momentos que vivi durante as minhas aulas com ela.

**Como é que foi ter de ir para Lisboa e separares-te da família quando foste estu-**

**“Sempre senti o apoio incondicional da minha família e, com isso, poderia ir para qualquer lugar. Tinha dezanove anos quando me mudei para Lisboa e muito desejosa de uma certa independência e novos ares...”**

**dar com Alexei Erëmine na Academia Nacional Superior de Orquestra? Foi uma separação difícil?**

Não tanto. Sempre senti o apoio incondicional da minha família e, com isso, poderia ir para qualquer lugar. Tinha dezanove anos quando me mudei para Lisboa e muito desejosa de uma certa independência e novos ares. O meu gosto por livros, cinema e artes foi reforçado e estimulado enquanto lá vivi,

além de ter tido óptimas experiências a tocar Música de Câmara com os meus colegas da altura. Mas acima de tudo, estudar com Alexei Erëmine foi importante para mim. Tive oportunidade, enquanto sua aluna, de tocar a solo com a Orquestra Académica Metropolitana no CCB, nos Dias da Música em 2007, a Rapsódia sobre um Tema de Paganini, de Rachmaninov, dirigida por Jean-Marc Burfin, certamente um dos momentos altos de toda a minha licenciatura.

**Porque foi que decidiste fazer Mestrado em Piano Performance, pela Chicago College of Performing Arts? Como é que decorreu o mestrado? Defendeste alguma tese de mestrado?**

Fazer Mestrado era uma opção natural terminando a Licenciatura. Sabia que queria sair de Lisboa e conhecer outros lugares. Considerei estudar na Europa, mas Chicago apareceu à minha frente e agarrei a oportunidade.

Durante o meu mestrado aqui em Chicago, estudei com Ludmila Lazar, pianista e pedagoga reconhecida internacionalmente. Extremamente dedicada aos seus alunos. Sabe ajudar-nos a resolver problemas técnicos quando existe um entendimento e uma análise profundas das obras em estudo.

O exame final de Mestrado para Piano Performance consistiu num recital a solo e num exame oral onde tive de discutir com um júri sobre as peças que toquei no meu recital, a nível analítico, histórico, de linguagem e de performance.

**Como foi a tua estreia aos dezasseis anos como solista com orquestra, interpretando o Concerto de Mozart para Piano e Orquestra KV 414 com a Orquestra de Câmara do Conservatório Regional de Ponta Delgada, sob a direcção de Yuri Pankiv?**

Vesti um top cor-de-rosa e tinha laca no cabelo – só podia ter sido um momento divertido.

Houve, certamente, algum receio de esquecer-me das notas a meio do concerto, mas acabou por correr tudo bem. Foi a professora Irina que sugeriu que eu aprendesse esse concerto e colocou-se, mais tarde,

(Continua página 26)



“Os meus principais mestres foram Irina, Alexei e Ludmila”

**“Dar aulas de música não era propriamente um sonho ou algo que sempre quisesse fazer. O meu objectivo principal era, e ainda é, ser pianista e comunicar com o público aquilo que entendo ser a mensagem das peças que interpreto”**

(Continuação página 25)

a possibilidade de o tocar com orquestra e tive todo o apoio do Conservatório nesse sentido.

Não creio que tivesse noção, aos dezasseis anos, da responsabilidade que é tocar a solo com orquestra. As coisas são menos assustadoras nessa idade. E ainda bem.

**Em 2008 foste premiada no concurso Prémio Jovens Músicos, um dos mais prestigiados concursos para jovens músicos em Portugal. Em que é que consistiu esse concurso?**

Consistiu em três fases: Envio de um DVD onde nos apresentamos a tocar repertório abrangendo três estilos/épocas diferentes; depois os seleccionados apresentaram-se na Prova Eliminatória que decorreu na Casa da Música no Porto, onde apresentámos um programa de recital de cerca de quarenta e cinco minutos e, por fim, os seleccionados dessa prova apresentaram-se na prova Final, onde toquei o Concerto de Rachmaninov no.2.

Tivemos oportunidade de mostrar uma vasta gama de estilos, desde o Barroco até à música contemporânea, e por isso achei tudo bem equilibrado. O ambiente entre os concorrentes nas finais foi muito bom.

Preparar um concurso requer um uso das

minhas capacidades mentais, físicas e emocionais a um nível muito intenso. Mas no fim é extremamente recompensador.

**“Éramos tão novos mas tão cientes da responsabilidade...”**

**Quais foram os locais onde actuaste que te marcaram mais e que guardas boas recordações?**

As recordações mais queridas que guardo são os concertos que dei com os meus irmãos quando ainda nos apresentávamos os sete todos juntos. Éramos tão novos mas tão cientes da responsabilidade que era levar música às pessoas e levávamos isso muito a sério.

Locais que destacaria: Teatro Ribeiragrandense (onde dá sempre gosto regressar, porque é na minha cidade), Coliseu Micaelense, Teatro Micaelense, Centro Cultural de Belém, Palácio Foz, (Lisboa) Charles Mosesian Theater (Boston), Brown University Auditorium (Rhoad Island), Casa de la Música de Quito (Equador), Rudolph Ganz Hall e Lutkin Hall (ambos em Chicago).

**Como é que surgiu a ideia de fundar o Quarteto Botelho Vieira?**

Surgiu muito naturalmente. A partir de um certo ponto apenas quatro de nós decidiram seguir música de uma forma mais profissional e aí se criou o quarteto. Apresentámo-nos em obras para quarteto (neste caso dois violinos, violoncelo e piano), e duo, no qual eu fazia parceria com cada um deles. Continuou a ser uma experiência muito enriquecedora. Infelizmente, à medida que vamos seguindo os nossos caminhos, vamo-nos afastando só nos encontrando pelo Natal e por vezes no Verão, o que tem tornado complicadas as aparições mais regulares. Mas certamente voltaremos em breve. Para já, tenho colaborado bastante com o meu irmão Rodolfo cá em Chicago. Recentemente, por convite, actuámos no passado mês de Maio na Residência da Embaixada Portuguesa em Washington.

**De momento, dedicas-te ao ensino, fazendo parte do corpo docente de duas escolas, Christopher Laughlin Music School e da DePaul University Community Music Division, colaborando também como júri convidado na People’s Music School. Como é que tem sido dar aulas?**

Tem sido muito bom. Acho que os músicos devem ser generosos e transmitir o que foram aprendendo aos mais novos, cria-se uma energia fantástica quando damos algo aos outros.

**É difícil dar aulas em duas escolas?**

Não, de todo. Para uma das escolas, como a viagem de comboio é um pouco longa, levo um livro comigo e ponho a leitura em dia. E, em termos de horários, foi muito fácil conciliar as duas escolas.

**Dar aulas de música era algo com que sonhavas ou foi uma oportunidade que apareceu de repente?**

Não era propriamente um sonho ou algo que sempre quisesse fazer. O meu objectivo principal era, e ainda é, ser pianista e comunicar com o público aquilo que entendo ser a mensagem das peças que interpreto. Mas ensinar miúdos (e até mesmo adultos que se aventuram a aprender piano) tem-se revelado algo que me vejo a fazer com prazer para o resto da minha vida.

**“Ensinar requer muita experiência e paciência”**

**Qual é o balanço que fazes dessa experiência? Dar aulas é uma coisa que queres continuar a fazer?**

Ensinar requer muita experiência e paciência, mas tenho a curiosidade e a dedicação necessárias para tal. Há pouco tempo atrás, a minha ideia relacionada com ensinar piano a alguém estava limitada a simplesmente ensinar alguém a saber tocar piano e a expressar-se através da música. Mas hoje tenho uma ideia um pouco diferente: ensinar piano é também um prolongamento da educação que recebem na escola e em casa. Mas acima de tudo sensibilizá-los para a música, para as artes. Quem sabe se não estarei a educar um futuro pianista, ou um futuro professor de piano, alguém que será membro assíduo de concertos ou, ainda, alguém que no futuro seja patrocinador da música ou das artes?

**Achas que ganhaste esse gosto pelo ensino através da tua mãe e avó que eram professoras?**

Boa pergunta. A minha mãe e avós maternos foram professores primários. Sei que foram excelentes pedagogos. É possível que isso também me tenha sido transmitido inconscientemente ou até mesmo através da genética, quem sabe.

**Que obras contemporâneas tens estreado para piano solo?**

Tenho tido uma colaboração mais frequente com uma compositora do Irão, a estudar em Chicago. A mais recente obra para piano solo que estreei, ‘In His Boat’, baseada num poema de Nima Yooshij, um poeta persa, foi muito interessante. Sendo uma cultura tão distante de nós, foi uma revelação para mim contactar com esse texto e com as emoções

provenientes dessa cultura, o que serviu, certamente, como uma grande fonte de inspiração ao interpretá-la.

**Como tem sido estreares obras contemporâneas, inclusive obras para piano solo escritas e dedicadas a ti, por compositores da mesma geração?**

É sem dúvida muito interessante. Tenho oportunidade de colaborar com os compositores enquanto a obra está ainda em processo e isso é excelente por duas razões: primeiro, para o intérprete, é crucial o contacto com o compositor para que possa haver um entendimento da sua linguagem e do que pretende com a sua obra e, em segundo, para o compositor é crucial discutir com o pianista diferentes aspectos que são ou não possíveis de serem realizados no piano.

Esse entendimento de como um compositor trabalha ajuda-me a ter uma visão mais completa quando estudo obras de outros compositores, sejam contemporâneos ou do passado.

**O que é que achas sobre o apoio que Portugal e Açores dão aos músicos? Achas que devia incentivar-se mais os jovens para a música?**

Motivação existe. Sinto que existem cada vez mais jovens a dedicarem-se à música de uma forma séria. Contudo, a minha opinião é a de que o apoio financeiro, nomeadamente bolsas para a música, deve sempre existir e quanto mais melhor. Não existe muito de momento, infelizmente.

**O que é que falta em Portugal para dinamizar a música?**

Pelo que sei daquilo que tem sido realizado ao nível de festivais, concertos, concursos, masterclasses, na Fundação Calouste Gulbenkian, CCB e outros tantos locais, sinto que existe uma dinâmica bastante activa e viva em Portugal e que é bem aproveitada. E sinto que nos Açores estamos a conseguir isso também.

**O que é que os EUA podem dar aos jovens músicos que Portugal ainda não consegue dar? Mais oportunidades? Quais?**

Os EUA têm uma afluência de jovens músicos de todo o mundo, literalmente. Tem sido muito interessante verificar as diferentes formas de abordar a música por cada uma dessas pessoas de países diferentes. E sinto que Portugal está a dar o melhor que pode aos músicos que tem.

Quando decidi sair de Portugal para continuar a estudar, não foi porque achei que já não tinha mais nada a aprender, foi apenas porque queria absorver diferentes culturas num sítio diferente e esse ‘diferente’ vai, inconscientemente, acabando por mexer connosco, acabando por tornar-nos mais abertos.

**Quem são as pessoas que te marcaram mais até agora no teu percurso musical e quem são aquelas a quem achas que deves agradecer todo o apoio que tens recebido?**

Em primeiro lugar, no topo de tudo, está a minha família pelo apoio incondicional. Depois, os meus principais mestres, Irina, Alexei e Ludmila. E, não menos importante, todos os pianistas, professores e colegas com quem me cruzei nesta caminhada.